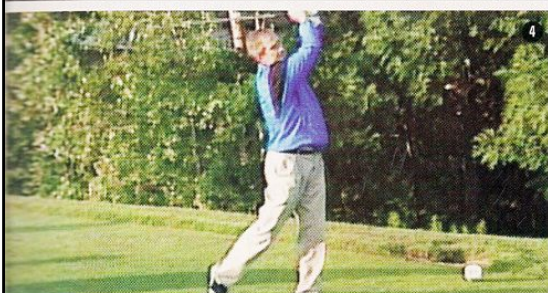


O senhor da guerra: (1) Bush é ovacionado por colegas; (2) em uma de suas entrevistas conduzidas por "líderes de torcida"; (3) na posição que passou sete minutos depois de saber sobre os atentados ao WTC; (4) "Olhem esta tacada"



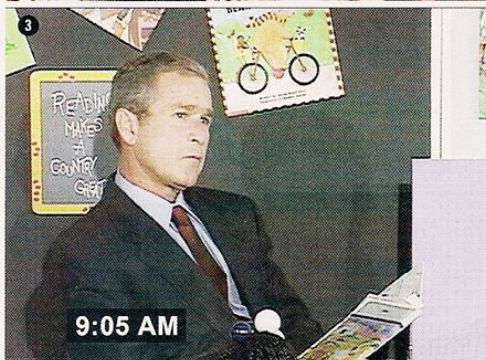
lho direito", apedreja.

Fahrenheit 11 de Setembro segue o conhecido estilo do documentarista em misturar humor, fatos inacreditáveis e teorias conspiratórias – tudo num esperto modo de edição que muitos podem achar manipulativo. Um dos maiores exemplos é também uma das partes mais emocionantes do longa, quando a equipe do cineasta encontra uma mãe de família de Flint que é uma radical direitista, fanática por exército, que hasteia a bandeira do país todo dia na frente da casa. Seu grande orgulho é o filho lutando no Iraque, representando a América e levando seu estilo de vida ao povo sofrido do Oriente Médio. Essa mesma senhora muda completamente de opinião quando tem o filho morto num desastre de helicóptero e recebe sua última carta, questionando a presença dos EUA no lugar e desejando que Bush não se reeleja. Moore deixa a entender que acompanhou a vida de Lila

Lipscomb e deu "sorte" nessa transformação. Na verdade, o filho dela já estava morto quando o diretor começou a gravar as imagens. "Construí de uma forma que você não sabe o que aconteceu até o final do filme", confessa. "Mas não li a carta do filho de Lila antes. É a cena mais poderosa do documentário. Eu nunca chorei tanto enquanto filmava."

MENOS MOORE

Apesar dessa confissão, Moore é bem menos estrela em *Fahrenheit 11 de Setembro*. "Por que apareço menos no filme? Quando você tem George W. Bush como seu personagem principal, ele não precisa de ajuda com o humor. Ele tem as frases mais engraçadas e eu apenas achei um modo de ficar fora de seu caminho", brinca o homem mais perigoso da América. Das seqüências nas quais Bush é astro absoluto, duas chamam a atenção. A primeira é um vídeo que exhibe o presidente ianque recebendo a notícia



dos atentados enquanto lê um livro infantil numa escola primária. São sete minutos de um homem atônito, enquanto Michael Moore tenta imaginar o que se passa na sua cabeça. A segunda é ainda mais hilária: em cadeia nacional, Bush envia um recado aos terroristas e logo depois manda um "Olhem essa tacada", quando volta para seu divertido golfe. "A mídia estava tão preocupada em mostrar uma imagem boa do presidente que os assessores começaram a relaxar. Todo mundo tinha essa cena, mas ninguém a exibiu", revela.

Ao mesmo tempo, Moore havia recebido imagens de freelancers no Iraque exibindo soldados americanos humilhando prisioneiros iraquianos, antes mesmo de se tornarem públicas. "Por que entregar essas imagens? Não temos um programa e não iria passar para essas redes de TV. Se tivesse levado antes, iriam dizer que não passava de um golpe de publicidade, agora estão me massacrando porque esperei", reclama. Ainda assim, é a parte mais chocante de *Fahrenheit 11 de Setembro*. Soldados cobrindo iraquianos nus, causando ereções e depois brincando fisicamente com isso, entre risadas e fotos orgulhosas.

BUSH BIN LADEN?

O que Michael Moore quer saber mesmo é a relação de George W. Bush com o dinheiro do petróleo saudita. O documentário >>

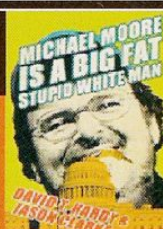


FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Na terra da democracia, Michael Moore também serve de alvo fácil

Lembra daquele inimigo do Superman, o Bizarro? Então, Michael Moore possui exatamente uma contraparte direitista do "mundo bizarro". Jason Clarke fundou o www.moorefiles.com logo depois de ouvir o discurso do documentarista no Oscar. O site é bastante parecido com o do cineasta, usando fontes de jornais e revistas para dar suporte a suas teorias, e repleto de banners do comitê republicano. Ao lado de David T. Hardy, ex-promotor do Departamento do Interior, Clarke escreveu o livro *Michael Moore Is a Big Fat Stupid White Man*, que entrou em nono lugar na lista de best-sellers do *New York Times*. O site adianta o conteúdo: "Como Moore detona os críticos e espalha teorias conspiratórias sobre aqueles que não entram na sua", "Como Moore prega para uma congregação de seguidores cegos" e "Como Moore distorce a verdade para encaixar na sua tese predeterminada".

A "Indústria Moore" de detratores não é pequena. O documentário *Michael & Me* está sendo feito por um dos maiores desafetos de Moore, o radialista e apresentador Larry Elder. "Meu filme é uma defesa daqueles que possuem armas e da Segunda Emenda", disse Elder, em entrevista ao *Hollywood Reporter*. Já *Michael Moore Hates America*, do desconhecido Michael Sullivan, "não tem a função de desmascarar Moore, mas mostrar que o sonho americano ainda vive". O problema é que esses lançamentos não vão deixar nunca de carregar um peso: ao mesmo tempo em que criticam o objeto, não seriam nada sem o objeto da crítica.



questiona por que aviões carregando 142 sauditas deixaram os Estados Unidos três dias após os atentados sem uma devida preocupação do FBI. O filme traz perguntas sobre o relacionamento de Dick Cheney (vice de Bush) e do próprio presidente com empresas de petróleo, companhias militares e outras responsáveis pela reconstrução dos países destruídos pela coalizão liderada por Estados Unidos e Inglaterra. Moore quer saber o nível de ligação dos Bush com os Bin Laden e família real árabe, que possuem fortunas nos bancos ianques. Documentos são mostrados, fatos são jogados na sua cara, mas as acusações sempre ganham forma de interrogativas. "É minha opinião baseada em fatos. Eu dou minha teoria e minhas questões. Pode ser que eu esteja errado. Vamos discutir e debater, mas os fatos apresentados no filme são irrefutáveis", ressalta Moore, que contratou Chris Delane, um

dos mais cruéis conselheiros políticos conhecidos pelos democratas, e a responsável pela checagem de fatos do *New York Times* para não cair em contradição.

Todo o aparato legal mos-



tra que Michael Moore não é qualquer inocente e sabe jogar com as armas que tem. Afinal, os republicanos acusaram o filme de ser uma propaganda democrata e não um documentário – apesar de os próprios liberais acharem correto distanciar seu candidato

da produção. "Nunca encontrei ou falei com John Kerry. Então não o apóio publicamente. E não o fiz nas eleições primárias porque falei que não apoiaria quem votou a favor da guerra", explica.

A Palma de Ouro em Cannes garantiu a distribuição do filme nos Estados Unidos

Para garantir a sua presença longe dos tribunais por algum processo, além de contratar Delane, o diretor contratou uma "Sala de Guerra" em seu site oficial, entregando as fontes de todos os seus questionamentos. O jornal alternativo *Village Voice* cita

até mesmo que Rupert Murdoch deixou um crítico de cinema da Fox News elogiar o filme já prevendo uma derrota republicana. Michael não quer nem ouvir falar em outra possibilidade. "Você não tem permissão de dizer essas palavras nesse recinto", brinca o cineasta, quando perguntado sobre o que faria se Bush fosse reeleito.

EFEITOS DURADOUROS

Se isso acontecer, a história do casamento entre a política e o entretenimento vai ganhar um capítulo inédito e estará nos livros escolares para todo o sempre. "Nós poderemos olhar para a primeira semana de *Fahrenheit 11 de Setembro* da mesma maneira que olhamos para o primeiro debate presidencial televisado, entre John Kennedy e Richard Nixon: como um momento em que pela primeira vez compreendemos o potencial da mídia de massa – nesse caso, filmes – em afetar a política americana", destacou o jornalista Richard Corliss, da revista *Time*. A primeira pesquisa pós-documentário demonstra que Kerry está cinco pontos percentuais na frente de Bush. Porém, outra realizada pela Opinionworks atestaria que 86 por cento do público eram democratas. Já o *Wall Street Journal* conta histórias de militares que viajaram quilômetros para assistir ao longa e até questionam seu comandante-em-chefe. Para garantir mais uns votos, Michael Moore lançará o DVD já em outubro, mas as cenas do próximo capítulo poderão ser vistas no dia 2 de novembro, dia da eleição. Pelo visto, George W. Bush encontrou um inimigo à altura. •

CINEMA



Nas ruas da América:
Michael Moore sai às ruas
em busca da "verdade"

FAHRENHEIT 11 DE SETEMBRO

Michael Moore expõe o "lado negro" da América e faz seu melhor filme. *Por Roberto Sadovski*

FAHRENHEIT 9/11. EUA, 2004. DE MICHAEL MOORE. COM MICHAEL MOORE, GEORGE W. BUSH. 122 MIN. WWW.FAHRENHEIT911.COM. EUROPA. DOCUMENTÁRIO

Na manhã de 11 de setembro de 2001, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, estava visitando uma escola primária, lendo um livro para as crianças, os olhinhos brilhando com visitante tão ilustre. Foi quando um assessor sussurrou no ouvido do presidente que o primeiro avião havia se chocado com uma das torres do World Trade Center, em Nova York. Bush não reagiu, e continuou sua leitura. Pouco depois, o mesmo assessor lhe dá um novo recado: outro avião se espatifara na segunda torre, Nova York sucumbia ao pânico, e o país possivelmente estaria sob um ataque terrorista. Mais uma vez, Bush não reagiu. Por sete longos minutos, enquanto um dos

marcos da maior cidade do mundo queimava, o presidente da nação mais poderosa do planeta não saiu do lugar. Não correu para tomar uma atitude, qualquer atitude, o mínimo que se espera de um líder.

Michael Moore não precisa de muito esforço para mostrar George W. Bush como um sujeito inepto, despreparado, ignorante e – o mais assustador – mentiroso nas duas horas de *Fahrenheit 11 de Setembro*. O presidente americano faz isso sozinho, as câmeras só deveriam estar no lugar certo, na hora certa. É verdade que Moore, diretor de *Tiros em Columbine*, nunca foi afeito da sutileza em seus trabalhos, e sua presença sempre esteve em primeiro plano quando o negócio é chamar a atenção. Sua postura belicista e agressiva é justamente o que minimiza a credibilidade de seus documentários, já que o foco passa a ser o próprio Moore, e

não o assunto que ele aborda.

Por isso mesmo *Fahrenheit 11 de Setembro* é seu melhor filme. Com a opção do diretor em manter-se fora das câmeras a maior parte do tempo, as imagens que desfilam na tela podem ser assimiladas sem tanta interferência. Usando as eleições presidenciais de 2000 como ponto de partida – com a comemoração da vitória de Al Gore e a conseqüente revelação de que ele perdera para George W. Bush em um único e decisivo Estado, a Flórida –, Michael Moore arma, em tom tragicômico, a trajetória da administração dos EUA em lidar com o ataque a NY, a paranóia com a segurança nacional (e a conseqüente cassação de direitos fundamentais do povo americano) e a invasão ao Iraque sustentada por informações fragmentadas. Moore deixa claro que seu objetivo é mostrar o quanto o

público americano foi privado da verdade, como o atual governo usou a tragédia para justificar sua estapafúrdia campanha no Iraque e, o mais importante, impedir que George W. Bush seja reeleito no pleito deste ano.

Mesmo que algumas informações que Moore escancara sejam passíveis de contestação, ele levanta pontos válidos – e largamente ignorados pela imprensa ianque. Como o fato de, no alvorecer do ataque e com o espaço aéreo fechado, alguns aviões terem sido autorizados a voar, levando a família Bin Laden em solo americano para fora do país. O filme não deixa de apelar para o sentimentalismo (quando exhibe crianças brincando em Bagdá minutos antes dos primeiros ataques do Exército de Tio Sam), mas essas imagens encontram equilíbrio em narrativas realmente

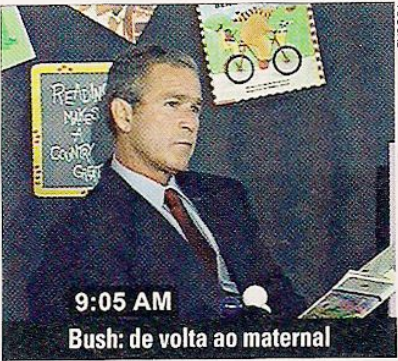
impactantes: Moore acompanha uma mãe de família ultraconservadora e totalmente de direita, que apóia a decisão de Bush e até manda um de seus filhos para a guerra, até ela se esfacelar com a notícia da morte do primogênito, o que a faz enxergar o conflito no Iraque por outro prisma (ela lê a última carta do filho, suas palavras de revolta, em agonia).

Fahrenheit 11 de Setembro ganhou as manchetes primeiro porque seria o trabalho de Michael Moore seguinte à sua vitória no Oscar por *Tiros em Columbine*; em seguida, a Disney disse que não distribuiria o documentário; e, finalmente, pelo sucesso assombroso que o filme alcançou nas bilheterias americanas. Mas nada disso deve ser motivo para você assistir ao filme. *Fahrenheit 11*

de Setembro pode se tornar o longa mais importante da história, já que o destino não só dos EUA mas, inevitavelmente, de todo o mundo, repousa em quem comandar a nação mais poderosa do planeta. Michael Moore pode ter todos os defeitos do mundo. Ele deve ser questionado. As perguntas que ele levanta necessitam ser discutidas. Mas, sem sombra de dúvida, ele precisa ser ouvido.

Roberto Sadovski

NOTA: **9**



9:05 AM
Bush: de volta ao maternal

FAHRENHEIT 11 DE SETEMBRO

FAHRENHEIT 9/11, EUA, 2004. DE MICHAEL MOORE. 122 MIN. DVD/VHS EUROPA. DOCUMENTÁRIO

O documentário de maior bilheteria da história já foi discutido, elogiado e criticado à exaustão. Mas é neste mês de novembro que se terá noção do poder de fogo de Michael Moore, quando sair o resultado das eleições presidenciais nos Estados Unidos. Moore fez um implacável panfleto anti-Bush. Resta saber se o público se deixou levar pelo inconformismo externado pelo cineasta ou se desconfiou do tom por vezes melodramático com que defende seus pontos de vista. Além de merecer todo o reconhecimento por sacudir uma nação com imagens constrangedoras e informações polêmicas sobre seu líder, Moore também tem o crédito de colocar o gênero documentário em uma posição de destaque inédita. **S.U.I.**

FILME: **9** EXTRAS: **N.A.**

Resenha de *Fahrenheit 11 de Setembro* em vídeo

CINEMA

DE VERDADE

O sucesso arrebatador do sensacional *A Marcha do Imperador* tira o documentário das "salas especializadas"

Quando o fenômeno teve início, há cerca de quinze anos, acreditava-se que o documentário começava a formar platéia mais ampla, ainda pequena, mas qualificada. O acesso à produção se dava em festivais e na TV paga. Raramente, nas salas comerciais de cinema. Nem mesmo os indicados para o Oscar tinham melhor sorte – aqui, na Europa ou mesmo nos EUA. Para muita gente, era possível reconhecer a figura controversa de Michael Moore, por exemplo, não porque ele fizesse documentários de longa-metragem como *Roger & Eu* (1989) e *The Big One* (1997), mas em função de seus programas *TV Nation* e *The Awful Truth*. Capte a mensagem: tratava-se, de acordo com o senso comum, de um realizador (alguns prefeririam dizer "ator"...) de televisão que *também* fazia documentários para cinema.

Espécie de extravagância.

De quatro ou cinco anos para cá, mudou um bocado a percepção. A revolução digital – que barateia e simplifica a realização, em uma ponta, e facilita a distribuição e a exibição, em outra – se fez sentir no cenário, então repleto de cineastas de diversas faixas etárias e interesses, irmanados em torno desse formato que a indústria considera um gênero, mas que muitos preferem considerar *outro* cinema, o de origem: quando os irmãos Lumière apagaram a luz no Grand Café do Boulevard des Capucines, em Paris, para dar início à primeira sessão pública do cinematógrafo, em 28 de dezembro de 1895, os curtas-metragens inseridos no aparelho eram "filmes de atrações", ou o que chamamos hoje de documentários.

Com o aumento no número de documentários lançados nos cinemas, já era possível acompanhá-los ali também. Ao menos o que havia de mais importante. Nenhum deles, porém, atingia desem-

penho significativo de mercado. Exibidos em poucas salas, tinham em conjunto público ínfimo se comparado ao dos filmes de ficção. Agora, entramos em nova fase: realizadores de documentários podem sonhar, como seus colegas de ficção, com a entrada no cobiçado *top ten* do mercado cinematográfico dos EUA e Canadá, a relação dos dez filmes mais vistos em cada semana. Podem sonhar, ainda, com outro ícone de sucesso, uma carreira comercial em expansão – em vez de o circuito de lançamento ser reduzido a cada semana, ele se amplia, sinal inequívoco de bom desempenho na propaganda boca a boca.

OS NÚMEROS NÃO MENTEM

Podem sonhar, para resumir tudo em apenas um caso, com o impressionante êxito de *A Marcha do Imperador*. Primeiro, a tradução disso em números. No final de semana de lançamento nos EUA, em 26 de junho, ele arrecadou 137 mil dólares em apenas quatro salas. Na semana seguinte, em vinte salas, faturou 525 mil.

40 | SET